

Apresentação

Ele não é um só; é muitos. Músico, instrumentista, letrista/poeta, cantor, literato, autor de peças teatrais, com incursões como ator de cinema, ele conjuga diferentes linguagens com brilho raro. Em sua trajetória artística, colocou a sua inteligência e sensibilidade em distintas rotas, selando um compromisso social com a invenção de um outro mundo. Em tempos ásperos como os vividos no Brasil de hoje – no qual grassa o anti-intelectualismo, em meio a muitas esperanças confiscadas –, ele é um sopro de alento, como que anunciando que nem tudo está perdido. Nesse contexto, muito modestamente, esta edição da *ArtCultura* é dedicada a ele, Chico Buarque, que acaba de ser contemplado com o Prêmio Camões, uma das mais altas honrarias do mundo luso-brasileiro. Juntamo-nos a essa justa homenagem com muita satisfação. Afinal, Chico, num certo sentido, pode ser considerado também “a mais completa tradução” do espírito da revista, ela que reserva espaços contíguos para a interlocução entre História, Música, Literatura, Teatro, Cinema e Artes Visuais (a propósito, lembremo-nos de uma exposição, fincada no centro do Rio de Janeiro, na qual se buscou traduzir em imagens a criatividade musical de Chico).

Por isso tudo, reproduzimos aqui as bem-vindas palavras de Marcelo Rebelo de Sousa, presidente de Portugal, ao congratular-se com ele:

Felicitando o vencedor do Prêmio Camões 2019, Chico Buarque, felicito também o júri que, por unanimidade, lhe concedeu esta distinção, reconhecendo o romancista de Estorvo ou Budapeste, o dramaturgo e argumentista, mas naturalmente também o extraordinário escritor de canções, um dos maiores da língua portuguesa.

Por um lado, entendeu o júri, na continuidade de juma marcante decisão da Academia Sueca, dar à canção, gênero ancestralmente ligado à poesia, um estatuto de dignidade literária. Premiar “letristas” pode ser sujeito a discussão, mas premiar Chico Buarque só pode ser unânime, porque, tal como Bob Dylan para a língua inglesa, as canções de Chico traduzem um profundo conhecimento da tradição poética e um alargamento das fronteiras da linguagem musicada, trazendo um grau de sofisticação inédito à música que se diz, e bem, popular.

Por outro lado, a obra de Chico Buarque conquistou, ao longo de várias gerações, um incomparável respeito e emoção no mundo lusófono, nomeadamente pelos seus empáticos retratos femininos, pela afinidade com os bons malandros, pelo empenhamento político, pelo amor ao Rio de Janeiro e ao Brasil, pelo trabalho sobre uma língua que, atravessando tanto mar, nos une.

Ao procurar auscultar um mundo instalado em tempos remotos, a *ArtCultura* 38 é aberta pelo dossiê História & poesia épica, uma tentativa de dissecar e reconstruir os significados de outras realidades. Este número conta, para tanto, com o “auxílio luxuoso” do seu organizador, Cleber Vinicius do Amaral Felipe, professor do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Transitando com familiaridade entre os campos da História e da Literatura, ele recrutou sete importantes colaborações provenientes de seis estados, que, de quebra, nos oferecem uma visão substancial sobre o estágio em que se encontram os estudos nessa área, particularmente no que diz respeito à poesia épica. Nessa linha, a *ArtCul-*

tura, graças a Cleber Felipe, pisa um terreno, até então, inexplorado nas páginas da revista.

Seguem-se as seções Polêmica, Artigos, Primeira mão, Notas de pesquisa e Resenhas. Os autores que aí comparecem – da Argentina, Brasil, Chile e Espanha – enveredam por caminhos que traçam as conexões entre História, Literatura, Cinema, Música Popular e Artes Visuais e ainda retomam discussões situadas nos domínios da Teoria da História e da Historiografia. À sua maneira, *à la* Chico Buarque, a *ArtCultura* cumpre, uma vez mais, a missão de que se investiu: ser uma e muitas ao mesmo tempo, ao destacar os vínculos que se podem estabelecer entre a História, a Cultura e a Arte.

Adalberto Paranhos
Kátia Rodrigues Paranhos
Editores de *ArtCultura*